

CÓDIGOS CULTURAIS E COMUNICAÇÃO EM TRÊS BAIRROS DE SALVADOR

Zelia Jesus de Lima¹

Almir Souza Silva²

Caio Lírio de Carvalho e Simone Mendonça dos Santos³

Resumo: *Este texto co-participativo com três alunos, do ILUCSAL, discute o papel dos principais códigos culturais, em três bairros da Cidade do Salvador (Canela, Brotas e Plataforma). A interpretação do tema realiza-se a partir de dois eixos: o das noções de cultura e sua relação com os códigos culturais; e o dos pontos de referência dos bairros, e sua comunicação com os próprios códigos culturais. Defende-se uma identidade fundada nas práticas do desenvolvimento social do bairro, articuladas com a cidade, revelando uma imagem positiva do lugar. O texto está estruturado em três partes: introdução que inclui noções de cultura e de comunicação; o bairro; os códigos culturais, e pontos para a construção das identidades.*

Palavras-chave: Cultura e comunicação; Bairro; Código cultural e identidade.

INTRODUÇÃO

Este texto analisa ‘os códigos culturais de três bairros de Salvador (Brotas, Canela e Plataforma)’ inspirados no pensamento de Raymond Williams e Peter Burke, defensores dos Estudos Culturais, e nas contribuições de Stuart Hall, Homi Bhabha, Alexandre Serpa (2007) e José Guilherme C. Magnani (2000), além de jornais, fotografias e depoimentos de alguns moradores. O texto é o primeiro resultado das discussões, em sala de aula, sobre o tema “Códigos Culturais e Comunicação”, como parte das atividades da disciplina Cultura Contemporânea, acrescida de um exercício extra-classe desenvolvido pelos alunos dos Cursos de Letras e Comunicação Social com Habilidade em Publicidade e Propaganda.

A integração dessas duas atividades acadêmicas teve início com a elaboração de um pequeno jornal, que aborda a (as) cultura (s) dos bairros, e as redes de conexão com a cidade. Vale ressaltar que os bairros observados foram aqueles que os próprios alunos residem entre uma e duas décadas. Os bairros se localizam no centro da cidade, no subúrbio e na Região Metropolitana de Salvador⁴.

Os objetivos deste trabalho foram: estimular a produção de texto, observando a relação entre elementos teóricos e a aproximação com as práticas de atores sociais dos bairros levantados; e compreender o grau de pertencimento do bairro com base em depoimentos dos

¹ Professora dos Cursos de Letras e Comunicação Social da Universidade Católica do Salvador - UCSAL, Mestre em Ciências Sociais pela UFBA. E-mail: zeliadjl@terra.com.br.

² Aluno do Curso de Letras da Universidade Católica do Salvador – UCSal; E-mail: almirpm@gmail.com.

³ Alunos do Curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Católica do Salvador – UCSal. E-mail: caiokar@yahoo.com.br; simone.msantos@yahoo.com.br.

⁴ Durante a exposição deste trabalho, na SEMOC, serão apresentados imagens contendo um mapa indicando os bairros que foram levantados, priorizando as suas manifestações e códigos. Este texto é a primeira comunicação escrita, e terá desdobramentos posteriores.

moradores, ajudando a descobrir os códigos culturais, tanto no campo das manifestações, quanto no das demandas sociais e redes de articulação entre o bairro e a cidade.

1. NOÇÕES DE CULTURA E COMUNICAÇÃO

O conceito de cultura surge no século XVIII e logo se populariza. Discussões histórico-filosóficas clássicas tratam a cultura como um processo de desenvolvimento e enobrecimento das faculdades humanas, um processo fundado na assimilação de trabalhos acadêmicos e artísticos ligados ao caráter progressista da era moderna (THOMPSON: 1995, p.170-171). Com a interferência dos estudos sócio-antropológicos que incluem as pesquisas de campo, no final do século XIX, ocorrem mudanças na forma de pensar o conceito de cultura: “o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e todas as demais capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade” (TYLOR: 1903, p.1).

Estudos antropológicos desdobraram-se em duas concepções de cultura – uma descritivista e outra simbólica. Na primeira concepção, a cultura corresponde ao conceito defendido por Tylor. A concepção simbólica vê a cultura como um padrão de significados, reunindo manifestações escritas, objetos de diversos tipos; vivências e experiências; crenças e visões de mundo. As regras e os códigos culturais se manifestam dentro destes padrões, que se tornam algo comum entre os povos, como uma espécie de direito consuetudinário, ou dos costumes.

Depois da Segunda Guerra Mundial, alguns estudiosos das ciências humanas e sociais discutem a importância das conexões entre cultura e comunicação, influenciando nos modos de pensar os conceitos de cultura. Com o surgimento dos grandes grupos da mídia dominante (rádio, televisão e jornal) e alternativa, que oferecem notícia, informação e imagens, desencadeiam discussões sobre cultura, surgindo com isso, novas correntes de pensamento, como a dos Estudos Culturais.

O texto privilegia os Estudos Culturais para interpretar as noções de cultura pelo seu aspecto multidisciplinar e abstrações. As primeiras abordagens dos Estudos Culturais se manifestam na Inglaterra no final da década de 1950. Divulga-se, inicialmente, a produção cultural de Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), a de Raymond Williams com *Culture and Society* (1958), e a de Edward Palmer Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963). Posteriormente esses teóricos criam o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos, na Universidade de Birmingham, onde debatem as formas práticas e instituições culturais, incluindo as relações com a sociedade, mudanças sociais e políticas. Com isso surgem novas publicações.

Williams divulga: *Long Revolution* (1961), *Communications, Harmondsworth* (1962), *Television* (1972), *Marxisme and Literacy* (1977) etc. Enquanto Thompson publica *Customs in Common* (1991). Estes dois autores defendem a cultura como uma rede vivida de práticas e relações que constituem a vida cotidiana, salientando o papel do indivíduo.

Williams, a exemplo de seus colegas do século XX, trata o termo cultura⁵ como ‘prática social’ e ‘produção cultural’ interpretados como ‘sistema de significações’ (linguagem, arte,

⁵ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio do século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3ª. ed. totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p.591 Cultura significa: Ato, efeito ou modo de

filosofia, jornalismo, moda, publicidade). Assim, a cultura envolve *toda e qualquer prática significativa*, contemplando três pontos: cultura como modo de vida, sistema de significados, e atividade artística e intelectual.

Visto assim, o termo cultura não exclui nenhum desses pontos, agrega e conjuga, porque tanto as vidas ordinárias, quanto à produção artística, literária e poética são culturais, carregando em si significados e valores criados coletivamente, nas interações humanas. Por isso, o autor expressa: a cultura é ordinária porque está em toda sociedade e em toda mente. Ela está em todo lugar porque há sempre entre as pessoas, um mundo a extrair, e é nesse mundo, que existe o poder, a verdadeira capacidade de luta pela vida (WILLIAMS: 2000, p.10-14). Este autor também aborda a publicidade, que a vê como uma instituição cultural, conforme declara:

“Neste final do século XX, com muitas instituições culturais dependendo cada vez mais do rendimento ou do patrocínio desta instituição específica do mercado, a “propaganda” um fenômeno cultural bastantes novo e, caracteristicamente, estendeu-se a áreas de valores sociais, econômicos e explicitamente políticos, como uma nova espécie de instituição cultural empresarial (WILLIAMS: 1992, p.53)

A publicidade auxilia no desenvolvimento da temática ‘Códigos Culturais’ ao lidar com diferentes patrocínios, aproximando-se do mundo simbólico. Ela institui o seu código de ética e se articula com os códigos culturais na contemporaneidade para a consolidação de produtos ou marcas. A lição tirada disto é a da intervenção da propaganda política. Quando agentes sociais desempenham o papel de mediador entre os bairros e o poder local na busca de solução às demandas sociais, acabam assistindo propagandas institucionais, com imagens da cultura do bairro, representando um verdadeiro jogo político. O que se indaga é: como o bairro consegue construir a sua marca ou singularidade através da cultura e comunicação, entendidas como vida?

Os estudos de Edward Palmer Thompson (1998) também favorecem a discussão dos Códigos Culturais. Ao investigar os costumes de algumas cidades européias nos séculos XVIII e XIX, focaliza valores, símbolos regras e os códigos culturais. Na época, predominavam as idéias iluministas, que distinguiam a cultura popular da cultura oficial, representando assim, o *status* das elites burguesas. Desse modo, o folclore os costumes familiares nos bairros mais populares eram considerados como algo inferior, não deviam ser mostrados nos salões da corte, nem nos palcos da nobreza. Neste caso, os códigos da cultura popular representavam o vocabulário de um povo que vivia na simplicidade, não era condizente com o da cultura oficial. Mas nos dias das festas dos santos padroeiros, os atores da cultura popular ocupavam a cidade, depois de terem feito acordos com funcionários encarregados da alta administração, permitindo as apresentações da arte, e divertindo o grande público.

Thompson (1998) toma a Revolução Industrial na Inglaterra, como um marco para discutir as mudanças dos costumes, que ocorrem na sociedade. Aponta o desenvolvimento da imprensa, e as lutas operárias, como provocadores da quebra de valores culturais e os efeitos da nascente indústria cultural. Esta indústria deu origem a grupos sociais, que agem de fora para dentro do bairro, uma vez que investem na reestruturação da cultura para o mercado. Assim, o bairro oferece artistas e produtos que são apropriados e ajustados pelo sistema capitalista para o

cultivar; Cultivo; O conjunto complexo dos códigos e padrões de comportamento, das crenças, das instituições e de outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade e civilização; O desenvolvimento de um grupo social, uma nação, etc., que é fruto do esforço pelo aprimoramento desses valores; civilização, progresso; Apuro, esmero e elegância.

consumo da arte em série. Canções, cantigas, rezas, brincadeiras de teatro, grupos folclóricos e de dança, poesia e até pratos típicos caem no mercado com uma nova roupagem.

E o que dizem os bairros? Estes, aos poucos, tomam consciência da mudança nos novos tempos, vendo escapar aquilo que anteriormente marcava a vida tradicional, os códigos, os sinais de pertencimento de um território que vivia distante do poder, e agora se aproxima pelo viés da cultura entendida como desenvolvimento.

E, o que é costume? Do latim *consuetudine*, quer dizer uso, hábito, prática, vício, direito consuetudinário ou leis do lugar (FERREIRA: 1999, p.569). O termo cultura interpretado por Williams e Thompson como ‘prática social’ e ‘produção cultural’ inclui tanto os códigos, as regras, os ritos e o simbólico, quanto os atributos culturais da hegemonia, a transmissão dos costumes e o desenvolvimento do próprio costume sob formas historicamente específicas das relações de trabalho:

“Os costume realizam algo – não são formulações abstratas dos significados, nem a busca de significados, embora possam transmitir um significado –. Os costumes estão claramente associados e arraigados às realidades materiais e sociais da vida e do trabalho embora não derivem simplesmente dessas realidades, nem as reexpressam. Os costumes podem fornecer o contexto em que as pessoas talvez façam o que seria mais difícil de fazer de modo direto [...], eles podem preservar a necessidade da ação coletiva, do ajuste coletivo de interesses, da expressão coletiva de sentimento e emoções dentro do terreno e domínio dos que deles co-participam, servindo como uma fronteira para excluir os forasteiros” (THOMPSON: 1998, p.22)

Na verdade, os costumes e o vocabulário das manifestações culturais e artísticas populares, nos tempos de globalização, são fontes significativas para a compreensão dos códigos culturais construídos pelos bairros. Os costumes, desta maneira asseguram o sentido de pertencimento dessas manifestações dentro e fora das fronteiras dos bairros.

2. O BAIRRO

O termo bairro, do latim *barium*, indica uma porção de território povoado nas cercanias de uma cidade, ou ainda, as partes em que se divide uma cidade ou vila para facilitar a orientação das pessoas e possibilitar administração pública mais eficaz. Culturalmente, o bairro representa a classificação da área urbana em área nobre, centro, periferia, subúrbio e outros (HOUAISS E SALES: p.380).

Os bairros, enquanto espaço-cultura, representam microsistemas, que envolvem diferentes formas de organização e sobrevivência: comércio, serviços, redes de comunicação; interesses políticos e promocionais; associações de moradores e outras instituições, que interagem com os poderes instituídos – Estado e Prefeitura. Entre estas formas de organização, ressalta-se o papel das associações de moradores, que às vezes empreendem atividades culturais, buscando preservar e mesmo manter as tradições ou identidades, consideradas como raízes do lugar.

Ao tratar o bairro como espaço-cultura, busca-se, em Williams (1969), entender as relações entre cultura e poder para refletir as conexões do bairro com a cidade. A cultura aqui é pensada como algo extraordinário, que se constitui em um esforço por compreender, interpretar e

apreciar, em seu todo as mudanças provocadas pela industrialização e pela democracia. As relações entre cultura e poder são históricas, acontecem através dos canais da educação. “Se todos podem ter acesso ao conhecimento e aos meios de produção cultural, a idéia de cultura deve ser comum a todos, e não ser dividida ou fragmentada, como acontece na vigente sociedade.” Este assunto é retomado pelo autor em *Cultura e Sociedade*⁶ (1969) e *Marxisme and Literature*⁷(1977). Quanto ao bairro, a lição obtida pelo viés da educação, é sem dúvida, a base para compreender o papel das instituições como mediadoras entre bairro-cidade, além de favorecer a interpretação dos códigos que se articulam com os interesses coletivos.

É na dinâmica das manifestações culturais, que se descobrem às relações entre cultura e poder. Elas estão presentes de várias maneiras (*nas festas religiosas; nos ensaios de blocos de carnaval; nas lavagens de instituições; nos dias de eleição para candidatos aos cargos políticos; nos torneios de futebol; nas regatas; nas corridas de rua; nas feijoadas aos domingos; nos jogos de baralhos e dominó; nas comemorações de aniversário, casamento e formatura; no dia das mães; nas passeatas e protestos; nos festivais de música etc*). Simples, ou não, elas revelam as feições do bairro e as formas de expressar e comunicar com as diferentes formas de poder da cidade

O professor Ângelo Serpa (2007) discute as relações sócio-espaciais de bairros populares em Salvador, enfatizando o papel da cultura e seus reflexos nos processos participativos vinculados às questões urbanas e sociais. Seu livro, *Cidade popular: trama de relações sócio-espaciais*, contribui para uma discussão teórica, importante tanto para a Geografia quanto para as Ciências Humanas. Auxilia na descoberta de especificidades dos bairros, como a velha dicotomia centro e periferia.

De acordo com Serpa, o conceito de bairro, como espaço vivido e sentido, pode atrair políticas públicas para refletir não só as desigualdades sociais, mas a questão da diferença e/ou preconceito. Nesse caso, o autor defende a tese de que, os bairros precisam integrar um contexto regional metropolitano ao já existente de caráter municipal ou administrativo. Afinal, é no bairro que se elabora o sentimento de pertencimento ao lugar, espaço das práticas cotidianas e aparentemente banais (SERPA: 2007, p.9-12).

Já o antropólogo José Guilherme C. Magnani (2000), vê o bairro como um pedaço da cidade, no qual são tecidas as relações sociais e as ligações com o poder. Este autor se identifica com os discursos de Geertz (1989), que focaliza a importância da etnografia para conhecer o vocabulário do lugar às elaborações teóricas. Na opinião de Geertz, é preciso saber fazer as descrições minuciosas das temáticas. As formulações teóricas precisam ser gerais para serem teóricas (GEERTZ:1998, p.35-38)

Em seu estudo, *Quando o Campo é a Cidade:Fazendo Antropologia na MetrÓpole*, Magnani trilha o caminho de Geertz, fazendo descrições, para explicar o lazer e o trabalho. O lazer significa o conjunto de ocupações do bairro, que surge dentro do trabalho. Enquanto isso, o trabalho apresenta uma dicotomia entre o tempo de trabalho e o tempo livre ou liberado. (MAGNANI: 2000, p.30-31).

⁶ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: 1780-1950*. São Paulo. Editora Nacional, 1969.

⁷ WILLIAMS, Raymond. *Marxisme and Literature*. Oxford New York.1977 – Ver capítulo Cultural Theory.

Neste sentido, Magnani investiga diferentes modalidades de cultura: os circos, os bailes, os aniversários, os casamentos, os torneios de futebol, as quermesses, as comemorações e rituais religiosos (católicos e dos cultos afro-brasileiros), as excursões de farofeiros, os passeios etc. Trata-se de simples modalidades de divertimento, que não têm o brilho e a sofisticação das últimas novidades da indústria do lazer, mas que estão profundamente vinculadas ao modo de vida e às tradições das populações desses bairros. É neste ambiente histórico, que se percebe o papel desempenhado pelos códigos culturais.

2.1 Os bairros pilotos: Plataforma, Canela e Brotas

> **O bairro de Plataforma** situa-se no Subúrbio Ferroviário. Foi fundado em 16 de abril de 1638, dia em que o Príncipe Holandês Maurício de Nassau desembarcou na praia deste local. O nome Plataforma surgiu por causa de uma fortificação existente em São Braz, onde surgiram os primeiros núcleos de indústria têxtil, que se estabeleceram na Bahia entre 1844 e 1875, expandindo-se com o nome de Vila Operária⁸. Espaço de trabalho, moradia e lazer, o bairro Plataforma também é testemunho histórico do bombardeio feito pelos portugueses, em 1823; da enseada do Cabrito, por onde o passavam os barcos para lutar pela Independência da Bahia; da construção de estradas de ferro que ligavam Salvador ao interior, e do transporte de barco até a Ribeira.

Os trens, obrigatoriamente, andavam pelos trilhos da estação Plataforma, exibindo o apito costumeiro das máquinas, anunciando as chegadas e a partidas. O mesmo ritual ocorria nas fábricas têxtil: o apito de entrada e saída, o fardamento identificador dos operários, o embarque e desembarque de mercadorias. Neste sentido, o trem e a fábrica têxtil representavam, em parte, a vida cotidiana do bairro de Plataforma. Ambos favorecem a construção de códigos culturais.

O trem anda e atravessa uma imensa ponte de ferro; ele testemunha o progresso e o desenvolvimento tecnológico de uma época; operários, nas fábricas ou usinas, produzem fios para abastecer o mercado de tecidos. Outros códigos estão associados às práticas mais recentes: a festa de São Pedro, a Praça São Tomé (*point* da população suburbana); a Associação de Moradores (AMPLA), o Projeto Araketu (que ajuda aos jovens carentes do subúrbio); o Teatro Plataforma; a Cooperativa de Mulheres do Parque São Bartolomeu (que abriga costureiras), a rádio comunidade; e o restaurante 'Boca de Galinha', que agrada aos nativos e visitantes, servindo pratos típicos, além de propiciar uma belíssima visão da Baía de Todos os Santos.

> **O bairro Canela**, situado próximo ao centro da cidade, faz fronteira com outros bairros, o Campo Grande, a Graça, a Federação e a Vitória. No bairro Canela concentram-se grandes colégios do Ensino Médio, a Reitoria da Universidade Federal da Bahia, que reúne algumas de suas instituições, como o Hospital Professor Edgar Santos, conhecido por Hospital das Clínicas (construído em 1948), as Faculdades de Teatro, de Belas Artes, de Odontologia e outras.

As origens do bairro Canela são de caráter rural. Antigamente chamava-se de Roça do Canela pertencente aos membros da família Pereira de Aguiar. Naquela década, os jornais registravam a criação de vacas pastando para tirar leite⁹. A ocupação do espaço-território Canela iniciou com a construção das casas do Barão de Sauípe, depois surgiu o Colégio Nossa Senhora da Vitória (os Maristas), os sobrados, as casas e os chalés. Hoje, as principais ruas do bairro

⁸ As fábricas eram chamadas de São Braz, e a União Fabril dos Fiais pertencente à família Martins Catharino.

⁹ Ver *sites* sobre as origens do Canela citados nas referências deste texto.

Canela são marcadas pelo movimento de carros e ônibus, e de pessoas, em contraste com os tempos da Roça. À luz da cultura, o bairro guarda lembranças de uma arquitetura tradicional, dos poucos casarões que restaram em nome da modernização da cidade do Salvador. A partir dos anos 80, a classe média constrói seus espigões, misturando traços da tradição e do contemporâneo.

Em função da vida universitária, as manifestações culturais do bairro Canela envolvem os concertos musicais, a encenação das peças de teatro, as formaturas; as passeatas de estudantes, professores e funcionários. E, em face da proximidade com bairro Campo Grande, todas as festas que ali se realizam, indiretamente se estendem até o Canela.

> **O bairro de Brotas** tem o seu nome associado à religiosidade. O falar popular do nome de Nossa Senhora das Grotas transformou o nome de Grotas para Brotas. O bairro foi criado em 1718 pelo decreto do então Arcebispo de Salvador, D. Sebastião Monteiro da Vide. Encontra-se localizado na região central sul da cidade, representa um grande conjunto de morros limitado pelas avenidas Vasco da Gama, Juracy Magalhães, Antonio Carlos Magalhães e Bonocô. Brotas é o segundo bairro mais populoso de Salvador e se caracteriza pela diversidade de sua população, abrigando todos os tipos de segmentos sociais, e oferecendo um clima agradável, pela sua situação geográfica.

O espaço-território do bairro Brotas, a exemplo de outros bairros, teve sua origem no mundo rural. Veio de uma fazenda pertencente à família Saldanha e é dividido em sub-bairros como Matatu, Vila Laura, Cosme de Farias, Engenho Velho de Brotas, Acupe, Horto Florestal, Daniel Lisboa e Campinas de Brotas. Suas principais instituições culturais são: a Igreja de Nossa Senhora de Brotas, a Casa do Retiro de São Francisco, os Hospitais Aristides Maltez e Evangélico da Bahia, a Maternidade do IPERBA, a casa onde o poeta Castro Alves viveu a sua infância, o Teatro Solar Bóia Vista, além de um *Shopping Center* de médio porte.

Estas instituições testemunham as mais diferentes práticas sociais, políticas e religiosas, por isso, conseguem influir na criação de códigos culturais, destacando-se nos seguintes pontos: as relações entre os moradores dos bairros e os visitantes; as ações dos próprios códigos culturais, indicando trabalho, lazer e divertimento; o registro da memória (através do depoimento de pessoas comuns ou consideradas como referências do lugar); as novas formas de convivência marcadas pelos efeitos do avanço imobiliário.

3. OS CÓDIGOS CULTURAIS E PONTOS DE CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES

3.1 Os códigos culturais

O termo código, do latim *códice*, quer dizer conjunto de leis, regras e normas; vocabulário, sistemas de sinais e lingüísticos (FERREIRA:1999, p.495). Há uma extensa classificação dos tipos de códigos. Os culturais dependem das práticas dos sujeitos sociais.

O advogado Leandro Müller (2006), autor do *Código do Aleijadinho*, disse numa entrevista à Revista Museu, que se inspirou no sucesso de vendagem do “Código da Vinci”, para atribuir à sua pesquisa um título similar. Müller é advogado, e um livreiro conhecido na praça do Rio de Janeiro. Seu objetivo era criar uma história diferente, com um certo mistério para atrair o leitor, obtendo repercussão nacional.

E o que seria código para esse escritor? Além do conhecimento jurídico, o autor vê o código cultural como um ponto de encontro, como o Bar 20, em Ipanema, onde os amigos se reúnem para conversar, beber, comer e vender livro. Ali, na relação entre o escritor, o bar e seus clientes, existem regras ou códigos: não vender fiado, fazer um dos lançamentos do livro no próprio bar para atrair novos clientes-fregueses, e fazer propaganda boca a boca e por telefone. A graça, disso tudo, diz o autor: “é que a brincadeira de bar entre livreiros acabou dando certo, e hoje o “Código do Aleijadinho”¹⁰” encontra-se em livrarias ao lado do Código da Vinci.

3.2 Pontos de construção das identidades

No mundo contemporâneo, as culturas nacionais constituem uma das principais fontes de identidade cultural. Mas será esta identidade, esta perspectiva de uma cultura enraizada, algo espontâneo e natural? Vários autores como Stuart Hall, Bhaba, e Peter Burke mostram que não existe uma identidade que seja espontânea¹¹. A identidade é sempre construída, inventada. Neste sentido, quais seriam os traços de identidade dos bairros de Brotas, Canela e Plataforma, a partir dessa concepção?

Com a leitura desses autores somada aos depoimentos de moradores concedidos aos alunos, foi possível construir alguns pontos identitários, como: as formas de sobrevivência do bairro que indicam ações dos agentes mediadores entre o bairro e a cidade, na luta pelo desenvolvimento social; a contribuição das manifestações no que se refere à divulgação dos resultados de projetos culturais e artísticos, atingindo a imagem dos bairros; e o papel dos códigos culturais associado aos processos de mudança do espaço- território e espaço-mudança.

Quanto às manifestações culturais, são simples movimentos, que se alastram por todo o bairro: teatros; colégios; templos religiosos; associações de moradores; quadras de esporte; *shoppings*; academias; *Lan House*; loterias; bares e restaurantes; exposições de objetos; *points* de acarajé e outros. Todas essas manifestações criam diálogos e vocabulários do lugar, que ajudam na renovação dos códigos culturais e das identidades. Assim, os códigos representam uma marca do bairro, que se torna conhecida na cidade e até no país; enquanto que a comunicação é um diálogo entre as pessoas, e um instrumento que estabelece conexões entre o bairro e a cidade, além de os veículos ou suportes que divulgam as imagens do lugar além fronteiras. Assim, estas mesmas noções de códigos se expressam de uma outra maneira pelos moradores:

- **É bom morar em Plataforma** porque se conhece ‘todo mundo’. É ruim morar neste lugar porque falta: mais policiamento contra a violência; mais conservação do patrimônio histórico; mais saneamento, sobretudo precisa devolver, de algum modo, os lucros provenientes do movimento turístico, que são arrastados para os cofres da Prefeitura.

- **É bom morar em Brotas** pela tranqüilidade e pelo clima, que é considerado o melhor da cidade. É ruim morar aqui, porque tem muitas ladeiras; o transporte é insatisfatório; o avanço

¹⁰ SITE DISPONIVEL EM http://www.revistamuseu.com.br/noticias/no_imp.asp?id=9207 Acesso em 19.1.2006

¹¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro> DP&A, 2002. p.7-22; BHABHA, Homi. (Org). *O local da cultura*. Trad. De Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p.9-19; BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Rio Grande do Sul. Tradução de Leila Souza Mendes: Editora UNISINOS, 2003, p. 13-22. (Coleção Aldos, 18).

do mercado imobiliário está destruindo as tradições culturais; e a violência está aumentando, principalmente com um número muito pequeno de policiais.

- **É bom morar no bairro Canela** porque o espaço é relativamente pequeno em comparação com os demais bairros; é central; e é ocupado pela classe média. É ruim morar aqui, porque está se perdendo a identidade da arquitetura, tornando-se um bairro de passagem (clínicas, laboratórios, hospitais, repartições públicas, bancos, supermercados e outros), que está cada vez, alterando costumes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abordagens dos códigos culturais e comunicação dos três bairros de Salvador acabam de gerar este texto, que terá desdobramentos. À medida que os alunos discutem a temática, falando de lugares que lhes são familiares, estão sendo colocados diante das grandes questões do mundo contemporâneo. Os pontos de construção das identidades e mesmo dos códigos culturais estão perfeitamente ligados às histórias de vida e às mudanças nos bairros. Isto será clarificado com audiovisuais, que servem de suporte à exposição deste texto.

REFERÊNCIAS

1. A TARDE, 14.08.1989 CADERNO 01. p.6 – (Cultura e contestação presente no Canela).
2. BAHIA HOJE, 28.04.1994 p.01 (É da cor do Canela).
3. BHABHA, Homi. (Org). *O local da cultura*. Trad. De Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p.9-19.
4. BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. Rio Grande do Sul. Tradução de Leila Souza Mendes: Editora UNISINOS, 2003, (Coleção Aldos, 18).
5. HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro> DP&A, 2002.
6. MAGNANI, Jose Guilherme C & TORRES, Lílian de Lucas (Orgs) *Na metrópole: Textos de Antropologia urbana*. São Paulo: EDUSP, 2000.
7. ROCHA, Luiz Carlos. Salvador: *espaço de reprodução da “globalização perversa”*: *Plataforma no centro do debate da cidade* (in)visível.

In: www.fsba.edu/Br/diálogospossíveis/artigos/604.pdf Acesso 22.07.2008.
8. SERPA, Ângelo (Org). *Cidade Popular: trama de relações sócio-espaciais*. Salvador: EDUFBA, 2007.
9. SITE DISPONIVEL EM http://www.revistamuseu.com.br/noticias/no_imp.asp?id=9207
Acesso em 19.10.2006.
10. THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. Tradução de Rosa Fechemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

11. THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

12. WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. 2ª.ed. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

13. WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.